

O decote, o Canhão e a Fila Negra – Possibilidades de Interpretação do Brasil em Diário Íntimo de Lima Barreto

Eliete Marim Martins*

Lima Barreto acreditava na arte literária como capaz de revelar a sociedade, “sem pára-balas”, e esclarecer cada homem de seu tempo. Para ele, a literatura deveria, acima de tudo, comunicar. Constantemente o escritor é analisado como aquele que deixou escapar, em suas composições, aspectos pessoais, o que o levou a uma menor preocupação com a forma. Porém o que se verifica é que a forma em Lima Barreto tem a ver com uma concepção literária e com a convergência de aspectos pontuais e de caráter ampliado.

Nos romances, crônicas e contos que escreveu, mesmo nos artigos de jornal e de revistas, há incansavelmente esse combate entre a palavra e a vida. A tentativa de levantar questões sociais, muitas vezes não visualizadas na sociedade ou nem mesmo discutidas em seu tempo, culminou numa escrita que guarda uma unidade temática. O leitor de Lima Barreto é capaz de reconhecer um texto do autor pelas palavras, pelo tema, pelos elementos estéticos caros ao escritor, como, por exemplo, descrições da paisagem, relações de tempo e espaço que se misturam na subjetividade, efeito da relação entre a vida e a arte. Com isso, a estética literária de Lima Barreto pode ser percebida também nos textos não ficcionais.

A repetição que se dá em seus escritos demonstra um fio que transpassa todos os textos. É a palavra empenhada sua forma mais usada e propagada. De tal sorte, um dos livros do escritor que demonstra essa oscilação entre a autobiografia e a ficção é *Diário Íntimo*.

Quando Afonso Henriques de Lima Barreto faleceu, suas obras foram entregues a um amigo da família como presente, já que este financiou o enterro do escritor. Tempos depois, cogitou-se a publicação de seus romances. A tentativa de se publicar *Diário Íntimo* veio três anos após sua morte. A. J. Pereira da Silva tomou para si a tarefa, mas logo desistiu, justificando a recusa pelo fato de o diário estar repleto de referências às pessoas da época, ferindo gente conhecida. Além disso, segundo ele, pouco valor estético tinha. Devolvido à família, o livro só foi publicado em 1953 pelo então organizador da obra completa do escritor, Francisco de Assis Barbosa.

Na nota introdutória de *Diário Íntimo*, Barbosa explicita que a edição sofreu modificações e acréscimos, argumentando que essas modificações foram feitas para evitar os ilegíveis, abandonar o critério de expurgo que sacrificara muitas passagens íntimas e “melhorar a provável cronologia das notas, peças, apontamentos e esboços”.¹

Sobre a produção barretiana, o crítico Antonio Candido, em seu artigo *Os olhos, a barca e o espelho*, registra que é no *Diário íntimo* que o escritor atingiu momentos de “elaboração criadora”.² Cândido analisa trechos de livros autobiográficos, como *Cemitério dos vivos* e *Diário Íntimo* ressaltando as vezes em que o escritor, mesmo sem querer, produziu literatura. A observação de Candido demonstra a totalidade temática que foi a investida em escrever para quem acreditava, sobretudo, na dimensão comunicativa da literatura. O escritor, de tanto imbuir em seu espírito o desejo de fazer literatura, com o fim de esclarecer o homem, fundiu arte e vida. Ou seja, a vida de Lima Barreto se confunde com sua literatura. É pela perspectiva de averiguar a literatura em meio às anotações cotidianas, experimentadas por Lima Barreto, que serão analisados três trechos do *Diário íntimo*.

Importa aqui pensar nos dados valiosos para a compreensão dos trechos. É necessário, mais uma vez, buscar os ensinamentos de Antonio Candido quanto aos aspectos que um crítico da literatura deve se atentar. Segundo ele, a obra pode exigir do crítico a utilização de elementos sociais, psicológicos e outros para levá-lo a uma compreensão mais coerente, desde que utilize esses dados “como componente da estruturação da obra”. Dessa forma, a análise que se propõe aqui é resultado da composição vida, sociedade e arte. Nota-se que do indivíduo e da situação pontual, problematiza-se o coletivo, as agruras humanas.

O primeiro trecho de *Diário íntimo*, data do dia 5 de janeiro de 1905. O narrador fala de um trajeto que ele faz de trem e de como uma menina o chama atenção. A despeito da comum ausência do tom erótico na maioria das obras do autor, em que os problemas humanos tendem a suplantar os de relações amorosas, a descrição da mulher-menina beira uma sensibilidade inspirada pelo amor carnal. O narrador, de maneira observadora, descreve a menina que repara no trem como “antes feia e sardenta, porém de corpo, apetitosa”.³ O detalhamento com que desenha a figura feminina leva o leitor a imaginá-la “cheia de carnes, redondinha”, uma mulher que despertava o “furor báquico”. Acontece que, na sucessão dos fatos, a narrativa desemboca num outro aspecto, agora nada sensual, advertido pelo narrador. A mesma figura, de certo modo vistosa num olhar erótico, revela um semblante de sofrimento. “Sentara em um banco afastado e, cobrindo-se de expressão dolorosa, repousava a cabeça sobre a mão, que, em começo, bonita, polpuda e abacial, acabava nas pontas de dedos feios, chatos”.⁴

No pequeno trecho, há uma contradição que poderia ser, a princípio, tomada pelo leitor como algo aquém das intenções do narrador, mas que, diante da fatura do trecho, revela um procedimento argumentativo de maior alcance. Ao fim e ao cabo, a leitura parte de uma paisagem humana e cai, logo depois do encantamento, num

abismo, num tipo de realismo cruel. A menina parece uma desculpa para abordar outro aspecto das mocinhas, como ela, sobreviventes de um Rio de Janeiro cheio de contradições. O que a personagem referenciada faz é despertar o narrador para questionamentos de caráter social. E o que instigou o narrador, além dos dedos que delatavam a pobreza da jovem – “as mãos denunciavam... os estragos do trabalho manual”⁵ – foi o decote do vestido, forjado por uma dobra da gola. Tal como observado por Candido, na produção barretiana do diário, a experiência individual aponta para a condição social.⁶

A sedução feminina é abafada pela situação de pobreza que sua representação indicava. A utilização da imagem, a ordem sequencial de fatos e mesmo a lista de adjetivos para a caracterização da passageira de um trem parecem recursos singulares, numa narrativa preocupada com o detalhe. A descrição sugere a existência de um narrador com intenções de manter distância do enunciado, afastado da cena, com certo controle dos fatos, mas que se deixa flagrar pela sua perspicaz observação bem além da aparência.

O segundo fragmento consta do ano de 1904. Neste, o escritor relembra do tempo em que fora amanuense da Secretaria de Guerra. Descreve um coronel identificado como “B” que, de acordo com o narrador, era um ignorante, idiota e jactancioso. A coragem nele posta só era real, de fato, quando vestia a farda. Como continuidade das lembranças, o narrador transfere suas memórias para um plano maior: o Exército – mais especificamente os oficiais generais “de mar e terra”. Esses oficiais eram “gente habituada à guerra”⁷ e tão familiarizados com os instrumentos de luta que tomaram como canhão “um tubo de poste telefônico, quebrado e assentado”; como bombas, “peças de madeira envolvidas pacificamente em fio de ferro”; e, para finalizar os equívocos, conclui com a seguinte frase: “almas doutro mundo”.⁸

Tal dinâmica narrativa remete a procedimentos comuns à oralidade. A sensação é de que se escuta a narrativa antes de lê-la (como boa parte dos textos de *Diário Íntimo*). Com teor memorialista, o fluxo das lembranças corre numa sequência que liga o fim de uma lembrança ao início de outra, como uma cadeia lógica de fatos, mas que não guarda uma continuidade fiel – aí onde o salto se dá. A recordação do coronel é logo conectada à coletividade, representada pelos oficiais do exército. De um indivíduo a narrativa dimensiona o todo, findando na delação da incompetência da corporação militar.

Outro ponto interessante nesse trecho é o misto de verdade e imaginação. A realidade, tendo em vista que as descrições partiram de fatos verídicos, é atrelada à ocorrência de um aspecto imagético. O caso de Porto Artur é real⁹, mas daí a enumerar objetos e afirmá-los como instrumentos de guerra, mesmo flagrantemente falsos pelos enganos do exército, é trabalho com a linguagem, recurso que foi

sempre tomado pelo escritor como mais uma arma da palavra, por mais que ele julgasse secundário. Aquilo que era real toma outro enfoque na composição encenada pelo narrador. O que é sério vira cômico. O fato de os oficiais não saberem identificar uma bomba é colocado, ao mesmo tempo, atestando a incompetência da farda e demonstrando as contradições da corporação detentora de um poder ilusório.

“Almas doutro mundo”, desta feita, podem dilatar um cenário repleto de arranjos criativos. Os argumentos de Roberto Schwarz em “As idéias fora do lugar”¹⁰ podem ser aqui retomados, no sentido de que a utilização da farda e a imposição de respeito que essa exigia, não condiziam com o preparo técnico de quem as usava. Os oficiais imitavam os países centrais para valorizar o que a força de “mar e terra” simbolizava. No entanto, as condições físicas e tecnológicas locais não eram suficientes para um bom desempenho. Nesse sentido, o narrador visualiza a comicidade, usando de uma ironia sagaz para representar o quadro dos oficiais do Brasil.

No último trecho, datado de 1905 também, o narrador relata como foi tratado ao cumprir seu dever profissional de ir à Secretaria de Estado das Relações Exteriores. O narrador parte da expectativa de um bom atendimento, pois apesar de mal vestido, “estava certo de que era cidadão brasileiro, homem de algum cultivo, cumpridor dos meus deveres” (...) “mereceria dos contínuos de lá o tratamento que se dá ao comum dos mortais”. No entanto, é surpreendido por certo desdém dos seus interlocutores. A imagem criada para o leitor é de um perfeito quadro do Brasil – eram “dous contínuos, enfardados em amplas sobrecasacas pretas com botões dourados”.¹¹ Além do fato de serem contínuos, um trabalho de pouco reconhecimento, e, contraditoriamente, usarem farda pomposa, a descrição dos dois agentes do Estado finda com a revelação do trabalho desempenhado por ambos no momento do atendimento: “... ocupavam-se pachorrentamente em cortar jornais, pregando retalhos num livro branco. Original ocupação dos contínuos da Secretaria do Exterior!”.¹² E a ironia se dá ao ponto de o narrador temer a interrupção da tarefa dos “respeitáveis funcionários”.

A metonímia aparece como prova da relação, mais uma vez, estabelecida entre o fato isolado e a coletividade. A resposta “entre complacente e desdenhosa” dos contínuos em “sotaque estrangeiro” era também a resposta do departamento da administração brasileira da Secretaria de Estado das Relações Exteriores e era a resposta do próprio Brasil. A dialética local e universal perpassa toda a narrativa, dando a ver as contradições enveredadas pela história do país. São o lustre e o requinte em meio ao “sujo” e ao arcaico. Como parte privilegiada dos escritos de Lima Barreto, a descrição aparece como denúncia do disparate brasileiro:

*Tinha sob mim uma delgada cadeira e meio suja. Em tórno, um salão lustrado, amplo e meio escuro; e o teto de estuque tinha pelos cantos o armorial de algum visconde apressado. O estuque encantou-me e, embora sob o pêso daquela afronta, interessou-me o relêvo dêle, as armas do escudo, os florões, os grifos, etc. etc. etc...*¹³

Há na construção narrativa um trabalho sutil que revela um quadro antitético: o salão é lustrado, mas meio escuro; o teto era de estuque e tinha armorial, mas de algum visconde apressado. O espaço descrito é resumido com uma questão: “De quem fôra aquilo?”. Segundo o narrador, a resposta para essa questão ele não tinha, porém era fácil saber de onde viera o dinheiro. Novamente vêm à tona as lembranças que fogem ao momento narrado. Nem mesmo o fato que o levou à Secretaria é registrado, o que importa são as aferições que o ambiente antagonico do luxo e do precário revela. A representação que o narrador faz vem ao encontro do processo de formação da sociedade, ou mesmo das relações que essa sociedade abarca e produz. Partindo do conhecimento do dinheiro utilizado para o salão lustrado e seu estuque, o narrador lembra-se da relação “Casa-Grande e Senzala”.

E, não sei como, eu vi uma grande fazenda: a senhorial casa acaçapada, numa meia laranja de morro branco de cal, enrubescer sob o banho da luz da aurora; as vacas mugiam no curral próximo; o terreiro fronteiro era como vasto lençol estendido. Da senzala, sem que sequer ouvissem o gorjeio dos pássaros, em filas cerradas, saíam, sob o pêso do cativoiro, algumas centenas de negros”.¹⁴

A cena imagética trai a aparente lógica do sistema organizacional da Secretaria. O olhar mirado no ambiente culmina em reflexões de abrangência histórica: “E, não sei como, eu vi uma grande fazenda”. O resultado das contradições é fruto de um sistema maior, no qual a relação de senhor e escravo é retomada como construtora dos antagonismos perpetuados. Aí, não é mais o narrador quem fala, mas principalmente “a fila negra unida, cerrada, por entre os cafezais...”¹⁵

A força da “linha negra” é registrada como algo que beira a revolução. Reconhecer a força de quem está “por entre os cafezais”, aqueles que, aparentemente, não habitam o salão da Secretaria de Estado das Relações Exteriores, é colocar em xeque a idéia de passividade das pessoas escravizadas e, ao mesmo tempo, revelar que todo aquele luxo representava também a “Doce fila negra”. A palavra doce atesta a ironia, pois o próprio registro delata o “filete” de gente negra como quem vivia “sem querer” nos cafezais. Há o

reconhecimento da força dos negros para a construção do “salão lustrado”, mas não que tenha sido doce a vida daquela “viva linha negra”. Por trás do silêncio da fila, havia um “filete que se infiltra pela terra adentro”, num movimento dialético, quanto mais o filete afunda, mais forte fica, mais complexidade atinge. Essa imagem vai tomando força nas personagens em fila até chegar “nos profundos recessos do planeta”, e lá “complica, revoluciona, baralha, e provoca vulcões”. A convulsão de idéias desencadeia o pensar em voz alta. O narrador deixa escapar seus pensamentos e é surpreendido pela intromissão do contínuo, porém não se deu por interrompido. Concluiu determinado que a fila não seria desviada:

Olhei o escudo, as fantasias heráldicas, as armas de galés e, de mim para mim, pensei:

– Doce fila negra, que mourejaste no cafezal, estás ali também naquele níveo escudo; tu entraste nêle sem querer; fôste aí pela fatalidade das cousas e essa...

– Não é isso que você quer?, disse-me o contínuo. E eu acabei de raciocinar:

–... e essa, não há barões, viscondes, duques e reis que a desviem.¹⁶

A fila unida e cerrada estava também “naquele níveo escudo”, mesmo sem querer e por vias tortas. O filete negro não deixaria mais que os expositores das “fantasias heráldicas” desmanchassem a fila. O relato parte da descrição da rotina do atendimento ao público, feito pelo Estado, e dá lugar ao embrião do problema alimentado por séculos no Brasil. Foi na história brasileira, com a estratégica implementação da democracia racial, que se firmou a própria escravidão e que se firmou o racismo. Talvez coubessem questionamentos aos registros de *Diário Íntimo* como, por exemplo, quais os verdadeiros motivos do desdém dos contínuos? Esse cidadão, que forjou um canhão, sabia das contradições que levariam o exército a tal equívoco? Ou ainda, como seria a “expressão dolorosa” da menina do trem? Quem são essas pessoas relatadas, que rosto tinham e que cor poderiam ter? São perguntas que rondam os trechos de *Diário Íntimo*. A chave para tais questões está posta na História do Brasil. Suas reflexões apontam para um Brasil desigual, consciente dos erros, mas inventando javanês, cinicamente, para a comodidade de poucos.

É certo que *Diário Íntimo* revela o cotidiano de um homem, mas é preciso considerar que esse homem é um escritor. Lima Barreto pensava no seu tempo na busca de reconstruir, por meio da linguagem, movimentações e episódios do dia-a-dia carioca. As notas diárias demonstram que diante da sobrevivência pessoal havia uma preocupação com questões de cunho geral. A interpretação do Brasil se dá nos momentos mais corriqueiros, porém esses momentos se

fazem grandes, quando o alcance dessas ações isoladas é coletivo. Um simples “decote” pode estar sob a mira de um “canhão”, mesmo sem balas; mas ameaçador, traduzido em dedos chatos ou numa “fila negra unida, cerrada, por entre os cafezais”. Nem sempre a explosão é uma garantia, antes o disfarce nas dificuldades que todos sentem e não conseguem mensurar.

EXCERTOS UTILIZADOS NA ANÁLISE

Texto I – 5 de janeiro de 1905. Página 78.

Hoje, no trem, vim com uma menina que me despertou a atenção. Ela não era bonita, antes feia e sardenta, porém, de corpo, apetitosa, era dessas que os franceses chamam *fausses maigres*. Cheia de carnes, redondinha, ela despertava facilmente o furor báquico. Vinha no trem com pai e irmãos. Sentara em um banco afastado e, cobrindo-se de expressão dolorosa, repousava a cabeça sobre a mão, que, em começo, bonita, polpuda e abacial, acabava nas pontas de dedos feios, chatos. Mas o que me chamou a atenção foi um detalhe da *toilette*. Evidentemente menina pobre – mesmo as mãos denunciavam, naquelas pontas de dedos feios, os estragos do trabalho manual –, pobre, pois, não tendo talvez um vestido decotado e querendo sair com um assim, dobrara a gola do casaco afogado para dentro na altura das espáduas. A coisa foi boa, porquanto as suas espáduas eram das melhores.

Texto II – 1904 – sem data. Página 48.

Quando eu fui amanuense da Secretaria da Guerra, havia um tal B... coronel ou cousa que valha, que era um tipo curioso de idiota. Ignorante até à ortografia; jactancioso. A coragem dele e sua vibração pessoal só surgem quando veste a farda. É conveniente mesmo escrever alguma cousa a esse respeito.

O exército, ou antes, os oficiais gerais de mar e terra escaparam, pelas masorcas de novembro, de serem tomados de terror pânico.

Gente habituada à guerra, e familiarizada com seus instrumentos, tomou como sendo canhão, em Porto Artur (Saúde), um tubo de poste telefônico quebrado e assentado. Bombas eram inofensivas peças de madeira, envolvidas pacificamente em fio de ferro. Almas doutro mundo!

Texto III – 1905 – sem data. Página 109.

Há dias, por motivos de minha profissão, fui obrigado a entrar na Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Vestia-me mal, é fato; mas entrava certo de que era cidadão brasileiro, homem de algum cultivo, cumpridor dos meus deveres, e, sobretudo, protegido da crença que, tendo freqüentado uma dessas nossas escolas superiores, mereceria dos contínuos de lá o tratamento que se dá ao comum dos mortais. Enganei-me. Dirigi-me ao contínuo, no primeiro pavimento, que, com habitual *morgue* dos altos e baixos funcionários, aconselhou-me que subisse. Até aí pisava no Brasil, agora, parecia-me, passava a fronteira. Dous contínuos, enfardelados em amplas sobrecasacas pretas com botões dourados, ocupavam-se pachorrentamente em cortar jornais, pregando os retalhos num livro em branco. Original ocupação dos contínuos da Secretaria do Exterior!

Medroso do meu ato, ousei interromper-lhes a tarefa:

– Precisava disso assim, assim; os senhores podem etc.

Os dous respeitáveis funcionários olharam-me de alto abaixo e, entre complacente e desdenhoso, um deles disse-me:

– Entra.

Fiquei atônito, nunca fora assim tratado em departamento da administração brasileira e demais naquele sotaque estrangeiro! Prudentemente entrei, sentei-me, conforme me aconselhava o magnífico auxiliar das nossas relações exteriores. Tinha sob mim uma delgada cadeira dourada meio suja. Em torno, um salão lustrado, amplo e meio escuro; e o teto de estuque tinha pelos cantos o armorial de algum visconde apressado. O estuque encantou-me e, embora sob o peso daquela afronta, interessou-me o relevo dele, as armas do escudo, os florões, os grifos, etc. etc. etc...

De quem fôra aquilo? Não sabia. O dinheiro que o fizera, entretanto, era fácil de se dizer donde vinha. E, não sei como, eu vi uma grande fazenda: a senhorial casa acaçapada numa meia laranja de morro branco de cal, enrubescer sob o banho da luz da aurora; as vacas mugiam no curral próximo; o terreiro fronteiro era como vasto lençol estendido. Da senzala, sem que sequer ouvissem gorjeio dos pássaros, em filas cerradas, saíam, sob o peso do cativoiro, algumas centenas de negros. Aquela viva linha negra a estender, silenciosa, humilde, tinha a energia oculta de um filete que se infiltra pela terra adentro. Depois de furar cem metros, rebenta aqui como uma fonte cristalina; se mais desce, mais pressão e mais temperatura ganha, e complexidade na composição; voltando à flor da terra, é agora termal; se mais baixo vai, mais forte fica, e lá, nos profundos recessos do planeta, complica, revoluciona, baralha, e provoca vulcões. Lá ia a fila negra unida, cerrada, por entre os cafezais...

Olhei o escudo, as fantasias heráldicas, as armas de galés e, de mim pra mim, pensei:

– Doce fila negra que mourejaste no cafezal, estás ali também naquele nível escudo; tu entraste nele sem querer; foste aí pela fatalidade das cousas e essa...

– Não é isso que você quer?, disse-me o contínuo.

E eu acabei de raciocinar:

–... e essa, não há barões, viscondes, duques e reis que a desviem.

Notas de Referência

* Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília.

¹ BARRETO, Lima. “Nota Prévia”. In: *Diário íntimo*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 20.

² CANDIDO, Antonio. “Os olhos, a barca e o espelho”. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 3ª ed. 2003, p. 41.

³ BARRETO, Lima. “Nota Prévia”. In: *Diário íntimo*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 78.

⁴ Idem.

⁵ Ibidem.

⁶ CANDIDO, Antonio. “Os olhos, a barca e o espelho”. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 3ª ed. 2003, p. 44.

⁷ BARRETO, Lima. “Nota Prévia”. In: *Diário íntimo*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 48.

⁸ Idem.

⁹ O episódio denominado “O Porto Artur da Saúde” foi alvo dos jornais da época, fazendo alusão à batalha de Porto Artur na guerra russo-japonesa. Um indivíduo brasileiro, para resistir à vacina, armou em sua janela um objeto à semelhança de um canhão e esperou pela polícia. O caso se estendeu por quatro ou cinco dias.

¹⁰ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*.

¹¹ BARRETO, Lima. “Nota Prévia”. In: *Diário íntimo*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956, p.109.

¹² Idem.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem, p. 110.

¹⁵ Ibidem, p. 109.

¹⁶ Ibidem, p. 110.

